O LADO ESCURO DO ESPÍRITO MEDIEVAL:

O diabo entre a razão e a fé

por Renzo Lavatori

Depois da dos anjos, esta é a segunda intervenção de Don Renzo Lavatori. O tratamento de um tema tão difícil e até angustiante em alguns aspectos é feito por Dom Renzo de forma muito equilibrada e serena. Então prof. Lavatori nos guiará em um breve resumo sobre a visão que os homens medievais tinham sobre os demônios e sobre a origem do mal, sem peso, mas com um estilo sintético, para conhecer um tema que, no entanto, fascina o homem de todos os tempos. Por que o mal existe? É o resultado da luta pela sobrevivência ou ele entrou no mundo por escolha pessoal? Qual é a sua origem? Depende do homem? ou por quem ou por quê? Os povos medievais sentiam que somente refletindo sobre a natureza do mal poderiam derrotá-lo. Para evitar o mal, segundo eles, há apenas um caminho, saber sua origem,

Reflexão medieval sobre a origem do mal

1. DEMONOLOGIA POPULAR E CULTURAL

Os escritores do início da Idade Média, na esteira da tradição anterior, geralmente concordam em sustentar que, após o pecado original, a humanidade permaneceu aprisionada no poder de Satanás. A teoria dos

"direitos de Satanás" já presente e discutida pelos pais depende dessa concepção. mas que neste período assume um significado mais amplo. Os direitos do diabo, no entanto, não constituem poder absoluto. pois eles estão sob a autoridade de Deus e foram dissolvidos pela obra de Cristo. A demonologia que vive e se expressa entre as pessoas aparece mais difundida, onde o medo do diabo e do inferno é a nota característica e os ataques de Satanás são descritos de forma bastante imaginativa, especialmente para monges e pessoas virtuosas. Muito espaço também é dado à prática da superstição, magia, de feitiçaria. Pastores e pregadores reagem contra esses exageros, tentando educar os fiéis para um conceito mais saudável sobre os fenômenos diabólicos. No entanto, eles próprios não estão totalmente isentos de certos condicionamentos de emotividade e imaginação. Outro fenômeno desse período, que atesta a presença demoníaca generalizada entre o povo, é dado pelas "vidas dos santos". Aparecem numerosos episódios de ataques e lutas satânicas, com o objetivo de convidar os fiéis de todas as classes sociais, leigos, clérigos e monges, camponeses e senhores feudais, a um compromisso severo de oposição e superação do mal. No entanto, eles próprios não estão totalmente isentos de certos condicionamentos de emotividade e imaginação. Outro fenômeno desse período, que atesta a presença demoníaca generalizada entre o povo, é dado pelas "vidas dos santos". Aparecem numerosos episódios de ataques e lutas satânicas, com o objetivo de convidar os fiéis de todas as classes sociais, leigos, clérigos e monges, camponeses e senhores feudais, a um compromisso severo de oposição e superação do mal. No entanto, eles próprios não estão totalmente isentos de certos condicionamentos de emotividade e imaginação. Outro fenômeno desse período, que atesta a presença demoníaca generalizada entre o povo, é dado pelas "vidas dos santos". Aparecem numerosos episódios de ataques e lutas satânicas, com o objetivo de convidar os fiéis de todas as classes sociais, leigos, clérigos e monges, camponeses e senhores feudais, a um compromisso severo de oposição e superação do mal.

1.1. **Hagiografia e demonologia**

Um exemplo autoritário. que, embora remontando ao século XI, de alguma forma representa a expressão de uma mentalidade difundida e constitui um paradigma dela, e a *Vita S. Romualdi*por Pier Damiani (1007-1072), prior da ermida camaldulense de Fonte Avellana e ousado reformador da vida monástica e eclesiástica do seu tempo. Ele resume em um capítulo toda a luta que Romualdo teve de enfrentar contra o diabo. Especialmente no início da

conversão, o inimigo arrastou a mente do santo entre a bajulação e os incentivos a muitos vícios, lembrando-lhe o que e quantas coisas ele poderia ter feito no mundo, enquanto o que ele fazia agora era de pouca ou nenhum valor. Ele muitas vezes batia em seu celular quando estava prestes a adormecer e, sacudindo-o, o mantinha acordado a noite toda. Por cerca de cinco anos, durante a noite, o diabo descansou em seus pés e pernas e, para que ele não pudesse facilmente virar para um lado ou para o outro, o atormentava com fantasmas e imagens. Mas Romualdo sempre conseguiu colocar o diabo em fuga, com recriminações muito duras, como explicitamente e relatou: «Para onde vais agora, seu mais vil? Por que você vem ao eremitério que caiu do céu? Vá embora, cão imundo; desapareça, cobra atordoada" *(Vita S. Romualdi* 7). A mesma abordagem hagiográfica persistiu ao longo da Idade Média. também no século XIII, como atesta o testemunho de *Pedro o Venerável,* abade do mosteiro de Cluny de 1222 a 1256. Na sua obra *De miraculis*descreve de forma viva e detalhada algumas situações de pessoas, tanto leigos como monges, em contato com o diabo. São visões monstruosas, ataques violentos, figuras de animais e ruídos ensurdecedores, fedores insuportáveis, disputas e confrontos com o diabo, que às vezes se disfarça de monge ou abade ou noviço piedoso com a intenção de enganar. Pietro especifica nomes, lugares, tempo do que ele conta como realmente aconteceu. Mesmo nos campos artístico, figurativo e literário, o diabo é representado de forma dramática.

1.2. **Cultura e demônios**

A arte medieval primitiva fazia pouca distinção entre diabo e demônios; até mesmo o inferno às vezes era descrito como um personagem demoníaco. . Diz B. Russell: “Os vários tipos não são claramente definidos e muitos demônios são um tanto humanóides e um tanto animais. O diabo humanóide poderia ser um velho vestido com uma túnica comprida, com uma cauda curta, pernas lisas e musculosas, cabelo e rosto humanos; ou um homem grande, nu, de pele escura. com mãos humanas, mas com garras nos pés e na cauda: ou um gigante com feições humanas; ou até mesmo um anjo humanóide vestido de branco. com asas emplumadas e cabelos na altura dos ombros. O diabo raramente tinha formas femininas” *(Il diavolo nel medioevo,* Bari 1987, 96).). *Produção* literáriamais próximo da teologia, mas sempre muito sensível à religião popular e ao folclore, acentuou o aspecto passional da revolta e do destino de Lúcifer, referindo-se também a textos bíblicos e muitas vezes apócrifos. Isso aconteceu sobretudo na área anglo-saxônica, onde o vernáculo

era usado na literatura. Há poemas que descrevem as histórias dos santos nas quais a ação de Satanás intervém repetidamente; outras vezes retoma-se o relato do Gênesis, onde se enfatiza a obra sedutora do diabo para com Adão e Eva; no poema *Cristo e Satanás* é descrito o contraste entre o Salvador humilde e vitorioso e o diabo desesperado e condenado. Um aspecto da mentalidade popular também é dado pela *pregação aos fiéis*durante os serviços religiosos. Um elemento muito importante na estrutura do sermão - segundo o que emerge dos textos do século XIII, mas provavelmente também dos séculos anteriores - residia nos *exempla,* anedotas curtas e incisivas, destinadas a tornar o discurso vivo e atento ao audiência, a fim de atingir as almas. Eles poderiam ser extraídos da literatura, em particular a hagiográfica, ou da imaginação viva do pregador ou mesmo de situações reais. De fato, os *exempla* descrevem plasticamente os vários aspectos que formavam a vida de seu tempo e aconteciam em lugares comuns, como o mosteiro, a igreja, o castelo do senhor feudal, a casa de campo ou cidade, a estrada ou o bosque .

1.3 **. As representações no palco**

No início da Idade Média, mas sobretudo no século XIII, e ainda mais nos séculos XIV e XV **,** aquela expressão particular da vida cristã que são as "representações sagradas" foi difundida. Tais representações tiveram sua origem na liturgia e foram inicialmente em latim, mas depois foram expressas no vernáculo mais acessível ao público geral inculto. Geralmente o drama medieval é dividido em três gêneros: os "mistérios". ligados às festas litúrgicas do ano: os "milagres". surgiu por volta do século XII, referindo-se à vida dos santos. Finalmente, as "moralidades", textos que floresceram mais tarde nos séculos XV e início do XVI, descrevem a luta entre o bem e o mal na vida de cada homem com um propósito eminentemente homilético e penitencial. Apesar de ser diferente. todos os três gêneros teatrais querem contar a história da salvação e do pecado em seus principais momentos: a criação e queda de Lúcifer e Adão; a redenção de Cristo e a derrota de Satanás: escatologia e o julgamento universal.

Nesse contexto o diabo está muito presente e sua figura assume um papel importante na luta contra Deus e contra o homem, espalhando drama e terror nas cenas, pois sua presença é indício de maldade, tentação, castigo eterno. mas ao mesmo tempo abre a alma à esperança, pois Satanás acaba por ser derrotado, causando entre outras coisas hilaridade, pois a sua pessoa é muitas vezes representada de forma desajeitada e ridícula, em atitudes estúpidas e burlescas. Os aspectos mais significativos, obviamente expressos em um gênero literário antropomórfico e figurativo, são dados pela descrição

da atitude de Lúcifer em relação a Deus: ele é uma criatura, a mais bela entre os anjos, cheia de esplendor e luz, semelhante à glória divina, mas, justamente por sua beleza, ele quer se colocar no trono de Deus para possuir seu mesmo poder e glória. Os anjos pusilânimes aceitam a superioridade de Lúcifer, reconhecendo-o como seu líder, enquanto os anjos bons se recusam a fazê-lo e ficam horrorizados com sua presunção. O pecado é seguido pelo castigo que condena Satanás e seus seguidores no inferno, onde choram seu destino, sentem uma profunda inveja do homem, uma obra-prima da criação, e querem se vingar dele, também porque o Filho de Deus decidiu encarnar. Outro aspecto notável, claramente ligado à literatura apócrifa, e indicado pela relação de Satanás com Cristo, já que Lúcifer não reconhece o Filho de Deus em Jesus de Nazaré, já desde a Anunciação. Para isso ele tenta tentar a Cristo, para ter uma demonstração clara de seu ser divino; igualmente os demônios seguem o Messias durante todo o período de sua vida pública para descobrir seu mistério, mas não conseguem, mesmo que percebam seu poder de curar os enfermos, ressuscitar os mortos e salvar o homem da escravidão satânica. Eventualmente, os demônios decidem matar o Cristo, embora Lúcifer seja da opinião oposta. De fato, a morte de Cristo na cruz marca sua derrota total quando Jesus desce ao inferno. Esta última constitui a cena mais dramaticamente desenvolvida. ressuscitar os mortos e salvar o homem da escravidão satânica. Eventualmente, os demônios decidem matar o Cristo, embora Lúcifer seja da opinião oposta. De fato, a morte de Cristo na cruz marca sua derrota total quando Jesus desce ao inferno. Esta última constitui a cena mais dramaticamente desenvolvida. ressuscitar os mortos e salvar o homem da escravidão satânica. Eventualmente, os demônios decidem matar o Cristo, embora Lúcifer seja da opinião oposta. De fato, a morte de Cristo na cruz marca sua derrota total quando Jesus desce ao inferno. Esta última constitui a cena mais dramaticamente desenvolvida.

2. DEMONOLOGIA BIZANTINA

No Oriente, particularmente em Constantinopla, é conhecido um florescimento abundante da demonologia popular no início da Idade Média, que certamente se baseia na teologia e sobretudo na vida dos monges e dos santos, mas também é colorida pela magia e pelas práticas religiosas pagãs. Os demônios eram descritos sob vários aspectos, podiam assumir formas humanas, animais ou monstruosas; geralmente eles tinham a pele negra em conexão com a escuridão; muitas vezes usavam chifres e caudas. . Seu propósito é sempre o de corromper o homem e afastá-lo de Deus.Para enfrentar a ação de Satanás, são sugeridos instrumentos clássicos como a oração e o uso da ajuda de uma pessoa santa com poder exorcizante. Esses diferentes aspectos resultaram posteriormente nos escritos de *Michele Psello*(1018-1078), conselheiro da corte de Constantinopla e reformador dos

estudos universitários humanísticos e filosóficos daquela cidade. Seu pensamento é de tendência neoplatônica e ficou conhecido também no Ocidente, especialmente no Renascimento, pela influência que teve em Marsilio Ficino. Escreveu o livreto *De Daemonum energia sua operação,* no qual descreve um diálogo entre dois personagens, Timothy e Thrax. esclarecer algumas questões demonológicas, que surgiram por ocasião das heresias.

2.1. **Os ritos demoníacos**

Michele Psello combate algumas heresias demoníacas, que não só representam erros no plano teórico ou doutrinário, mas também expressam atitudes práticas, ritos idólatras e blasfemos. São descritos *alguns ritos* realizados por hereges em suas reuniões sacrílegas , onde dizem ter visões divinas, mas que na realidade são manifestações execráveis e nefastas, contra todo dogma legítimo e contra toda lei natural. Com isso, satisfazem grandemente os demônios, pois vão contra a lei divina e forjam os símbolos cristãos, gravados na alma, para profaná-los e contaminá-los, para dar lugar aos demônios e seus símbolos indelicados.

2.2. **O número de demônios**

Michele Psello argumenta que os demônios são seres corpóreos e agentes nos corpos. Os corpos demoníacos são muito distintos dos corpos angelicais. Estes estão cheios de luz e esplendor, enquanto aqueles são sombrios e escuros. O número de demônios é tão grande que toda a atmosfera está cheia deles, não apenas o ar acima de nós, mas também o que nos cerca; cheio dele e da terra, do mar e dos subterrâneos penetráveis. Todos eles têm em comum o ódio a Deus e a adversidade dos homens.

2.3 . **As ações dos demônios**

As tentações são os atos mais frequentes dos demônios, que sugerem palavras insidiosas e sussurros à imaginação; eles assumem diferentes formas, cores e formas para incutir pensamentos, conselhos, memórias na psique e no espírito humano, excitando os afetos durante o sono e a vigília. Às vezes, estimulam e movem agradavelmente o corpo, inflamando-o com amores ilícitos. Outras tentações são insípidas, pois os demônios são desprovidos de sabedoria, porém são sempre uma fonte de incômodo e incômodo, causando danos consideráveis tanto à alma quanto ao corpo. Michele apresenta dois casos de demoníaca que ele mesmo vivenciou, para então fazer algumas perguntas. A primeira questão diz respeito *ao sexo dos demônios,*isto é, se são homens ou mulheres; ele responde que os demônios, por sua natureza, não têm gênero masculino nem feminino, pois a diversidade dos sexos constitui uma característica dos corpos compostos, enquanto os demônios possuem corpos

simples. Em virtude desses corpos, eles podem se mover facilmente e assumir várias formas. A segunda questão diz respeito *à linguagem dos demônios:* é de se perguntar se eles falam línguas diferentes de acordo com as pessoas com quem lidam, sejam elas gregas, hebraicas ou sírias. A terceira, por fim, consiste no aprofundamento da *passabilidade dos demônios,*isto é, se podem ser submetidos a ameaças e temores de modo a deixar livres as criaturas humanas por eles atormentadas. A resposta é clara: eles só podem ser vencidos por aquele que possui santidade e faz uso do poderoso nome da Palavra de Deus. Então eles são forçados a libertar o homem e são relegados ao abismo da terra, que eles temem muito.

3. A PROFUNDIDADE RACIONAL

Nos séculos XI e XII nasceu a teologia escolar , ainda que seu florescimento máximo seja no século XIII. A característica e a novidade residem na necessidade de aprofundar racionalmente o fato da fé *(fides quaerens inrellectum).* Mesmo na demonologia assistimos à passagem, agora cada vez mais definida, de uma explicação simplesmente repetitiva e expositiva para uma abordagem propriamente especulativa e organicamente estruturada, sobretudo com o aparecimento de mentes altamente especulativas como **Anselmo**. Com ele, a demonologia passou por uma virada decisiva que marcou o início da grande reflexão medieval. Na economia salvífica, o papel de Satanás, embora sempre lembrado, foi consideravelmente reduzido graças à concepção anselmiana da "satisfação" operada por Cristo para a salvação do homem; do ponto de vista antropológico, a presença de Satanás teve menos importância, pois o pecado foi atribuído à responsabilidade humana e não a condicionamentos ou insinuações diabólicas. Portanto, Satanás não recebeu um lugar de destaque. Essa consideração é importante para um julgamento justo sobre a demonologia desse período, pois ela não é vítima de mal-entendidos ou mal-entendidos comuns, segundo os quais a Idade Média registraria o máximo de produção demonológica e o consequente exagero ideológico.

3.1. **A questão do mal em Anselmo d'Aosta**

Anselmo, arcebispo de Cantuária de 1093 a 1109, escreveu um tratado filosófico em forma de diálogo: *De casu diaboli,* a queda do diabo. Seu raciocínio parte da questão sobre a realidade do mal e sua origem; concentra-se na queda do diabo, e não na de Adão, porque a precede tanto temporal quanto racionalmente. O pecado de Adão de fato ocorre *com*a tentação da serpente, indicando que o mal já existe no mundo e não tem

origem primária no homem. Então, perguntar como Lúcifer pecou significa procurar a razão pela qual o mal originalmente entrou no mundo e, assim, conhecer a natureza própria do mal. De fato, a causa do mal não pode ser atribuída ao ser divino absoluto, pois ele é o bem supremo. Anselmo retoma o conceito agostiniano de que o mal não é nada, ou seja, não ser ou privar do bem. Consideramos o mal em um sentido relativo, como se fosse algo real, pois percebemos que é a falta de uma boa realidade. A falta de justiça leva à inquietação, agitação, que consideramos coisas ruins como se fossem entidades positivas; igualmente a ausência de visão chamamos de cegueira como se fosse uma coisa real. Por esta razão, o mal implica alguma significação. mas não é um ser real; é apenas uma maneira de expressar a linguagem humana. Além disso, embora o mal não seja nada em si mesmo, ele produz consequências e efeitos reais, que se encontram na experiência concreta e que nos assustam. Para Anselmo, o mal é resultado de uma escolha feita pelo diabo, sem ter que atribuir a responsabilidade a Deus. Daí seu estudo sobre o pecado de Satanás. Seu pecado consiste não apenas em querer ser semelhante a Deus, mas também em pretender ser superior a Deus, para poder dispor de sua própria vontade de maneira absoluta. contra a própria vontade de Deus, ou seja, Lúcifer colocou sua própria vontade acima de tudo, mesmo a de Deus, não querendo se submeter a ninguém além de si mesmo. Portanto, ele saiu da justiça e pecou. Disso segue-se que ele desistiu espontaneamente de querer o que devia e perdeu com razão o que tinha. De fato, Deus cria uma verdadeira faculdade livre nos homens e anjos, que são realmente responsáveis e conscientes do que fazem. Isso constitui sua dignidade, mas também a possibilidade de falhar na verdade e no bem e, portanto, de produzir o pecado e o mal no universo. A demonologia de Anselmo tem suas raízes nos aspectos filosóficos e teológicos básicos, que podem lançar luz sobre a questão do mal no universo. Sua intenção, e aqui entendemos a originalidade e a perspicácia de seu pensamento, é trazer a demonologia de volta às questões essenciais que ela contém e manifesta; ele oferece assim uma notável contribuição,

3.2. **A posição de Pietro Abelardo**

Um homem afiado e racionalista, *Abelardo*(1079-1142) fala pouco do diabo. Enfatiza apenas alguns aspectos que se afastam do pensamento comum e que oferecem pontos de reflexão interessantes sobre a determinação do mal e as questões a ele vinculadas. Abelardo observa que nossos vícios ou pecados, para serem considerados coisas ruins, devem ser colocados na alma ou nas criaturas boas, porque a corrupção não pode vir senão do bem. Nesse sentido, a bondade suprema de Deus, que não permite que nada seja feito sem causa,

predestinou até as coisas más para o bem, para que se possa usá-las para obter o bem maior. Portanto, o mal pode se tornar bom, mas nunca pode ser bom. O diabo com a maior maldade usa coisas boas de maneira muito ruim, para obter coisas ruins por meio de coisas boas. Pelo contrário, Deus faz bom uso daquelas coisas que o diabo faz mal. O pecado do diabo, como o do homem, faz parte dessa visão otimista e foi produzido pelo livre arbítrio, do qual toda criatura racional é dotada. O diabo age dentro dos limites da permissão divina, mas se move estimulado por sua própria maldade. Pode-se dizer que seu poder de agir é bom e justo, enquanto sua vontade é sempre injusta, pois esta deriva de si mesmo, mas a outra lhe foi dada por Deus. Para Abelardo, isso significa que o pecado está no mal. O uso das faculdades em si é bom, como repete com insistência: «Lúcifer, que se levantou de manhã, estava mais disposto a orgulhar-se, pois mais elevada do que os outros espíritos era a sua luminosidade para a sabedoria e a ciência. *(Teol. Cristo.*3.5). . Segundo Abelardo, a essência do pecado não está tanto na má ação que ocorre, mas na intenção de fazer o mal, ou seja, no movimento determinado pela vontade para a violação da justiça divina, independentemente da ação que resulta disso. Portanto, não é importante considerar o que o diabo fez, mas o movimento de sua vontade para o mal. Nesse sentido Abelardo, ao refletir sobre a ação redentora de Cristo, não aceita a doutrina que vê a cruz como o preço pago a Deus para redimir o homem dos "direitos" do diabo, porque não é Deus quem precisa se reconciliar com homens, mas o contrário. O amor de Deus, manifestado de modo eminente na morte na cruz do Filho encarnado, constitui a fonte regeneradora do homem, Essa teoria de Abelardo talvez se reflita na experiência pessoal de amor e dor que caracterizou sua vida. No entanto, marca uma virada decisiva para a interpretação do dogma do pecado e da redenção na teologia cristã.

4. **ESPIRITUALIDADE MONÁSTICA**

4.1. O diabo suspenso entre o céu e a terra

Bernardo de Clairveax, que morreu em 1153, é o representante mais qualificado da espiritualidade do século XII. Ele não se detém em questões especulativas, mas destaca marcadamente os ataques malignos de Satanás na vida ascética do monge e sugere armas para derrotar o inimigo. Ele trata brevemente da queda de Satanás: reafirma que o seu pecado foi de presunção e ambição sem limites, querendo tornar-se semelhante ao Altíssimo e subir ao céu. Mas ele foi lançado no abismo que está debaixo do céu ou das nuvens,

acima da terra. Como punição por seu pecado, o diabo caiu por sorte para cair do céu e ficar no meio do caminho entre o céu e a terra, para que ele não pudesse mais estar na mesma altura dos anjos bons, nem compartilham a baixeza dos homens que, com sua humildade, fazem penitência pelos pecados. Desorientados entre um lado e outro como frenéticos e tensos sem nunca conseguir se acalmar em uma direção ou outra, fugindo perpetuamente de si mesmos e incapazes de se encontrar em si como sujeitos estáveis, os demônios parecem ser a expressão máxima da dispersão de ser que resulta na impossibilidade de reunir e definir-se. Deste lugar infeliz morrem de ciúmes quando vêem as inúmeras hostes de espíritos celestes "brilhando com esplendor divino, que fazem ressoar os louvores divinos, sublimes em glória e abundantes em graça" (Sermões 54,3 sobre o Cântico dos Cânticos). Mas também eles são movidos de inveja olhando para a terra, onde há homens superiores na fé e nas virtudes, salvos pelo amor misericordioso do Senhor. Desorientados entre um lado e outro como frenéticos e tensos sem nunca conseguir se acalmar em uma direção ou outra, fugindo perpetuamente de si mesmos e incapazes de se encontrar em si como sujeitos estáveis, os demônios parecem ser a expressão máxima da dispersão de ser que resulta na impossibilidade de reunir e definir-se. Deste lugar infeliz morrem de ciúmes quando vêem as inúmeras hostes de espíritos celestes "brilhando com esplendor divino, que fazem ressoar os louvores divinos, sublimes em glória e abundantes em graça" (Sermões 54,3 sobre o Cântico dos Cânticos). Mas também eles são movidos de inveja olhando para a terra, onde há homens superiores na fé e nas virtudes, salvos pelo amor misericordioso do Senhor. Desorientados entre um lado e outro como frenéticos e tensos sem nunca conseguir se acalmar em uma direção ou outra, fugindo perpetuamente de si mesmos e incapazes de se encontrar em si como sujeitos estáveis, os demônios parecem ser a expressão máxima da dispersão de ser que resulta na impossibilidade de reunir e definir-se. Deste lugar infeliz morrem de ciúmes quando vêem as inúmeras hostes de espíritos celestes "brilhando com esplendor divino, que fazem ressoar os louvores divinos, sublimes em glória e abundantes em graça" (Sermões 54,3 sobre o Cântico dos Cânticos). Mas também eles são movidos de inveja olhando para a terra, onde há homens superiores na fé e nas virtudes, salvos pelo amor misericordioso do Senhor. Grande é o poder do maligno, pois boa parte da humanidade está sob seu domínio e espíritos malignos vagam pela terra em busca de alguém para devorar. Em particular, Bernard identifica duas direções em que se move a ação maligna dos demônios: por um lado, eles tentam subir ao céu, furiosos contra Deus em virtude de seu orgulho indomável; por outro lado, rejeitados pelo céu, mergulham constantemente na terra para enganar os homens. Este movimento contínuo sem parar, leva os espíritos do mal a se moverem dia e noite entre o céu e a terra.

4.2. **O diabo na história humana**

A escola de San Vittore em Paris representa uma das expressões mais significativas do desenvolvimento teológico e espiritual do século XII. Seguindo o modo escolástico de estudar a ciência sagrada, opõe-se ao esquematismo de Pietro Lombardo e ao racionalismo de Abelardo, querendo restituir à teologia aquela dimensão vital e sapiencial típica dos padres. Um de seus representantes é Ugo di San Vittore (d. 1141), especialmente no que diz respeito à demonologia. Ele considera o mistério do mal e do diabo dentro da história salvífica, para então descobrir seus valores teológicos, antropológicos e ascéticos. Com discernimento psicológico e espiritual, ele examina a ação diabólica *no início da história humana,*quando o diabo tentou os primeiros pais. O homem foi colocado pela providência divina em um lugar de deleite, quase no mais alto grau, provido de razão para guardar os bens que recebeu da própria providência de Deus. Ele também foi instruído a buscar e obter esses bens por meio de a 'obediência. O diabo viu tudo isso e teve inveja daquele homem por obediência que subiu até lá de onde havia caído por orgulho. Daí a causa da tentação. Ugo descreve com precisão *o caminho da tentação,*que inclui dois elementos: comer o fruto da árvore e conhecer a ciência do bem e do mal; isto é, a luxúria da gula com comida e vanglória e avareza com a promessa do conhecimento divino e posse dele. . De fato, as tentações são de dois tipos: uma externa, quando a sugestão vem de fora de forma visível ou invisível; uma interna. quando nasce na alma do mau desejo de pecar. Esta última tentação é mais difícil de vencer, pois trata-se de lutar contra nós mesmos. Por isso o diabo não obtém misericórdia, pois pecou sem nenhuma tentação, nem externa nem interna. Enquanto o homem, que caiu atrás da sedução externa, está sujeito ao perdão pela graça de Deus.

5. **A DOUTRINA DA IGREJA**

Com o início do século XIII a Igreja teve que intervir para esclarecer algumas verdades de fé, por ocasião da difusão de ideias de fundo dualista pelos cátaros e pelos albigenses, que retomavam os conceitos maniqueístas e priscilianos. Nestas circunstâncias, o Papa Inocêncio III convocou o concílio ecumênico, realizado em Latrão em três sessões solenes, 11, 20, 30 de novembro de 1215; alguns decretos foram discutidos e promulgados sobre a questão da Terra Santa, a reforma da Igreja e a tomada de posição contra várias heresias que se popularizaram naqueles tempos.

5.1. **A heresia dos cátaros e dos albigenses**

A concepção religiosa dos cátaros e dos albigenses começou a se espalhar depois de meados do século XII; retomou a heresia dos Bogomilos da Bulgária, que por sua vez derivou do ensinamento dualista e gnóstico dos maniqueus. O movimento caracterizou-se por uma rigorosa organização eclesiástica e um dinamismo missionário que esteve na origem da sua grande difusão. Embora partindo de instâncias morais e ascéticas, o movimento caracteriza-se doutrinariamente segundo um rígido dualismo que contrapõe Deus e Satanás como dois princípios quase equivalentes: Deus, o criador, que deu origem apenas aos bons seres espirituais; Satana, princípio incriado do mal e criador da matéria em todas as suas formas, mesmo sendo inferior a Deus sob o aspecto do poder. Uma apresentação muito precisa desta doutrina é feita por um cátaro convertido à Igreja Católica, Giovanni da Lugio, natural de Bérgamo. nascido por volta de 1180-1200, que reúne as ideias da seita em um texto intitulado*Livro de dois princípios,* resumindo o pensamento nestes termos: «Que os sábios leiam e acreditem sem dúvida que existe o deus mau, criador e senhor, que é o cabeça e causa de todos os males mencionados; caso contrário, seria necessário afirmar que o mesmo Deus verdadeiro, que é luz e é bom e santo e fonte viva e cabeça de toda doçura e doçura e justiça, é propriamente a causa e princípio de toda iniqüidade e malícia e amargura e injustiça, e disso o mesmo senhor vem totalmente todas as coisas adversas e contrárias. Mas pensar isso é a coisa mais vã para o sábio" *(Compêndio* 56). Existe um princípio maligno supremo do qual o mal e as trevas se originam. Este deus maligno também criou o homem e a mulher e todos os corpos visíveis deste mundo, dos quais nasceram os outros corpos da terra. E' negado o livre arbítrio tanto dos homens como dos anjos, que não têm o poder de se tornarem bons ou maus, mas os bons são e permanecem bons, enquanto os maus são e permanecem maus. Daí a necessidade dos dois princípios eternos do bem e do mal, uma forte reação por meio de escritos e discursos de homens eminentes e frades anônimos. No entanto, também houve reações violentas dos cruzados e inquisidores, que chegaram a massacres de populações inteiras sem nenhum critério de discernimento, convencidos de que demônios estavam agindo por trás dos hereges para devastar a Igreja de Deus. Dessa forma, pouco a pouco a coação da autoridade temporal e eclesiástica substituiu a persuasão e a convicção, aplicando sanções de diferentes gravidades, como prisão, tortura, confisco de bens e, finalmente, a fogueira. Este procedimento provocou levantes armados, contra os quais a Igreja reagiu por meio das Cruzadas.De fato, os hereges pareciam perigosos também do ponto de vista da unidade social do império e das nações, onde mais se estabeleceram e gozavam de uma vasta influência sobre o povo. Para combater esse perigo, os papas do século XIII organizaram e fortaleceram a inquisição, cuja expressão mais marcante veio com o pontificado de Gregório IX. É um capítulo infeliz da história eclesiástica, ainda que deva ser

enquadrado no contexto cultural e religioso da época; suas consequências desastrosas tornaram-se marcantes em períodos posteriores, com a máxima divulgação no século XVI.

5.2. **O IV Concílio de Latrão (1215)**

O Concílio pretende eliminar os erros e esclarecer a verdade revelada, patrimônio da fé cristã, como manifesta a primeira constituição: *De fide catholica,* que expõe a profissão de fé no único Deus verdadeiro e nas três Pessoas divinas; em relação aos cátaros e aos albigenses, declara que existe *um e único princípio criador* de todas as coisas existentes, sem exceção, as invisíveis e as visíveis, as espirituais e as corpóreas; isso contra qualquer interpretação dualista que admita a origem da realidade a partir de um duplo princípio do bem e do mal. É então declarado que os anjos são parte das entidades criadas por Deus e que eles também estão sujeitos à ação divina que os produziu de não existir. Eles são*criaturas de Deus*em todos os sentidos e em todos os aspectos. De fato, o ato criador diz respeito tanto aos anjos quanto ao cosmos visível, como deixa claro a expressão "simul ab initio temporis", no sentido de que ambas as criaturas são fruto da ação de Deus desde o início, para excluir a especulação dos cátaros segundo a qual Deus primeiro criou os anjos e estes, por sua vez, criariam o mundo visível. Falamos do homem entendido em sua unidade concreta de alma e corpo, e afirma-se que o ser humano integral foi criado por Deus, contrariando a doutrina albigense que considerava o homem como um anjo caído aprisionado na matéria produzida por Satanás, ou contra a concepção maniqueísta e platônica do corpo humano como elemento negativo e maléfico. Pelo contrário, destaca-se o sentido positivo da realidade material. *A boa natureza original* de todas as criaturas, até mesmo o diabo e os demônios, que "foram criados naturalmente bons". O princípio salvaguarda a bondade absoluta do Criador e ao mesmo tempo esclarece a questão da origem do mal, pois se diz que os demônios perderam sua bondade primitiva por "sua própria iniciativa", ou seja, sua livre escolha: "tornaram-se maus por si mesmos". O mal, portanto, não tem causa em Deus ou na realidade material, mas apenas na possibilidade de escolha por parte daqueles que foram criados livres. *A culpa angélica* é explicitamente declarada , mesmo que não seja especificado de que tipo foi. Esta observação sugere que os demônios são *seres pessoais.*como capaz de escolher livremente e, portanto, dotado das faculdades próprias do espírito, que são a inteligência e a vontade, que só permitem um ato deliberado. O valor fundamental do livre-arbítrio é assim sustentado como patrimônio indispensável das entidades espirituais e constituinte essencial de sua subjetividade consciente. O homem também é responsável pelo seu próprio pecado, porém o concílio especifica

que a queda humana foi “instigada pelo diabo”, com isso não pretende exonerar o homem, pois é apenas uma instigação ou sugestão, não um substituto para sua liberdade , mas destina-se a indicar *a influência negativa*que pode ser estabelecido entre o espírito angelical maligno e o homem. Isso significa mais uma vez que o mal não vem do corpo, mas da livre disposição do espírito, tanto o angélico quanto o humano, entre os quais se estabelece certa relação. Por outro lado, o concílio havia afirmado que o homem, espírito e corpo, foi criado bom por Deus, de modo que não carrega o mal dentro de si. O mal invadiu a vida humana somente após o pecado. Fala-se da ressurreição de corpos reais e concretos, contra a visão espiritualista da imortalidade só da alma, típica dos cátaros, e afirma-se a existência do castigo eterno para os homens réprobos, que terão o mesmo destino do diabo . O texto indica a fé eclesial na condenação eterna devida ao diabo, unida à humana. Por mais curto e sucinto que seja, a declaração tem um peso teológico de autoridade próprio, porque foi emitida por um concílio ecumênico reconhecido e está incluída em uma profissão de fé; este é enxertado na esteira das intervenções anteriores do magistério. Não se trata, portanto, de uma novidade doutrinal, ocasionada pela heresia dos cátaros, mas de uma verdade já contida na fé eclesial, agora explicitada e esclarecida. Constitui um ponto fixo, que agora faz parte da herança comum da verdade da comunidade crente. O concílio não fez nada além de manifestar e aprovar oficialmente uma verdade reconhecida por todos. Não se trata, portanto, de uma novidade doutrinal, ocasionada pela heresia dos cátaros, mas de uma verdade já contida na fé eclesial, agora explicitada e esclarecida. Constitui um ponto fixo, que agora faz parte da herança comum da verdade da comunidade crente. O concílio não fez nada além de manifestar e aprovar oficialmente uma verdade reconhecida por todos. Não se trata, portanto, de uma novidade doutrinal, ocasionada pela heresia dos cátaros, mas de uma verdade já contida na fé eclesial, agora explicitada e esclarecida. Constitui um ponto fixo, que agora faz parte da herança comum da verdade da comunidade crente. O concílio não fez nada além de manifestar e aprovar oficialmente uma verdade reconhecida por todos.

6. O AMBIENTE FRANCISCANO

O século XIII é considerado o século dos frades, pois Francisco e Domingos, embora com meios diferentes, mas complementares, iniciaram na Igreja uma nova forma de vida religiosa que constituiu o fato mais relevante e influente para o desenvolvimento da história cristã. São os fundadores das duas ordens

mendicantes: os franciscanos e os dominicanos, vigorosos agentes de renovação espiritual e de unificação social do povo. As ordens mendicantes exerceram uma dupla influência: a primeira ao nível da consciência cristã ao recordar o ideal do seguimento integral de Cristo, a outra no contexto da reflexão teológica sobre a mensagem evangélica, para que pudesse ser lida e anunciada em todo o cristianismo . . As duas influências também são encontradas no setor mais específico da demonologia.

As ***fontes franciscanas*** destacam a ação de Francisco contra Satanás. retratando-o como um homem forte e um lutador extraordinário tanto na defesa de sua própria pessoa quanto na dos outros. ficou famosa a história ambientada no palácio do cardeal Leone em Roma, onde o santo era hóspede e foi violentamente atacado pelo demônio a ponto de ficar "quase meio morto". Especialmente nos momentos de oração em lugares solitários, Francisco "tinha sofrer. muitas vezes, os ataques assustadores de demônios que fisicamente entraram em conflito com ele, em um esforço para desviá-lo de se dedicar à oração. Mas ele, armado com as armas celestiais, tornou-se ainda mais forte. na virtude e quanto mais fervoroso na oração, mais violento era o assalto dos inimigos" (n. 1179). Os demônios nada mais são do que instrumentos nas mãos de Deus para a purificação da alma; Francisco usa uma frase expressiva: "Os demônios são os mordomos de nosso Senhor, e ele mesmo os instrui a punir nossas faltas. É um sinal especial de graça se ele não deixa nada impune em seu servo, enquanto ele está vivo neste mundo "(nn. 705,1648,1760). As batalhas parecem aumentar à medida que cresce a perfeição do santo, tornando-se mais agudas e atormentadoras, como observa Celano: «Crescendo em méritos, São Francisco. crescia também o desacordo com a antiga serpente" (n. 702). No entanto, Francisco estava ciente de que no final a vitória é daquele que permanece fiel a Cristo, não de Satanás.

Por isso ele se submete à vontade de Deus com grande humildade, derrotando a arrogância dos demônios com estas palavras: «Façam tudo o que puderem contra mim, espíritos malignos e enganadores! Você não tem poder senão na medida em que a mão de Deus o concede e por isso estou aqui com toda alegria, pronto para suportar tudo o que decidiu me fazer sofrer" (n. 1179). De fato, a alegria espiritual é uma arma poderosa contra Satanás e os frades devem usá-la, pois, diz Francisco: "O demônio se alegra acima de tudo, quando pode roubar a alegria do espírito do servo de Deus ... prejudicar o servo de Cristo, quando o vêem com santa alegria" (n. 709). Além da alegria, Francisco usa outras armas para vencer o inimigo, como a sabedoria do coração que "confunde Satanás e todas as suas armadilhas", a penitência do corpo; oração e jejum, especialmente para certos tipos de demônios. As *Fontes* também relatam muitos episódios em que Francisco

derrotou o maligno que se apossou de criaturas humanas ou que as perturbou fisicamente.

6.2. **O pecado de Lúcifer de acordo com Duns Scotus**

A teologia do franciscano *John Duns Scotus* (ca. 1266-1308), professor em Oxford, representa o mais recente desenvolvimento do princípio franciscano do primado do amor, mas traz consigo algumas sementes de dissolução da harmonia escolástica entre a razão e fé, entre a dimensão intelectual e volitiva do pensamento. Scotus pode ser considerado o iniciador da corrente filosófico-teológica do "voluntarismo", que insiste na vontade infinita e absoluta de Deus, que não pode ser compreendida dentro das categorias da inteligência humana. Deste cenário segue-se que o *primeiro pecado*O de Lúcifer não era o do orgulho, segundo a opinião mais comum, mas, na verdade, um desejo de concupiscência, no sentido de que ansiava a própria bem-aventurança de forma desordenada e exagerada, buscando o amor de si mesmo até o ódio contra Deus. portanto, não queria diretamente a igualdade com Deus, o que seria um pecado de orgulho, mas desejava obter prazer e auto-satisfação, que é pecado de gozo e auto-satisfação. . Daí a vontade de preeminência e de dominação sobre os outros, que constitui a presunção. Portanto, o amor próprio é a raiz do orgulho e, portanto, "radix civitatis diaboli". Como podemos ver, Scotus traz tudo de volta ao poder da vontade ou do amor, até mesmo o pecado do orgulho, que, segundo ele, não é um ato do intelecto, como se o presunçoso pensasse que era mais do que realmente é, mas é um pecado da vontade que deseja desordenadamente o seu próprio bem, em maior medida do que o seu ser. Disto segue a cegueira do intelecto. Scotus mais tarde examina o*tentação dos primeiros pais,*afirmando que o diabo, movido pela inveja do homem, se aproxima da mulher, conhecendo-a mais fraca e usando-a como meio para então seduzir o homem. A tentação diabólica consiste em três elementos: um diz respeito ao alimento, isto é, comer da árvore, o segundo à semelhança com Deus, o terceiro ao conhecimento do bem e do mal. É a tentação da gula, da vanglória e da avareza como desejo de possuir de forma desordenada, neste caso obviamente não o dinheiro, mas as alturas da ciência que ultrapassam as capacidades humanas. Portanto, o diabo prendeu o homem injustamente a si mesmo, mas ele foi subjugado com justiça, não porque o diabo havia conquistado o domínio sobre o homem, mas porque o homem merecia por sua culpa sofrer a tirania do diabo. Por esta razão Deus libertou o homem do poder de Satanás com a justiça realizada pelo sangue de Cristo. Satanás, portanto, continua sendo o grande acusado diante de Deus, homem e Cristo.

7. **A ESCOLA DOMINICANA**

A novidade mais importante dos mestres dominicanos consiste em inserir a filosofia aristotélica nas escolas de teologia .contudo, especificando que não se trata do desejo de ser igual a Deus, porque isso não poderia corresponder nem ao intelecto nem à vontade do anjo, pois todo ser deseja a perfeição de seu próprio ser, não a de outro ; antes, trata-se de deliberar não se submeter à vontade superior de Deus, querendo que o anjo seja a regra de si mesmo, que pertence somente a Deus, divino, e isso certamente não é pecado; ele o desejava, porém, não segundo a ordem estabelecida por Deus pela graça, mas com as forças de sua própria natureza. Em outras palavras, o anjo não aceitou o dom divino da bem-aventurança sobrenatural, mas quis obtê-lo de si mesmo. E este é um verdadeiro pecado de orgulho. Ora, o pecado próprio da natureza espiritual não consiste em engano ou erro em relação ao bem ou ao verdadeiro, como no homem pelo obscurecimento dos sentidos, mas em recusar a submissão ao desígnio superior de Deus para realizar um projeto pessoal. perfeição. Tomás é o primeiro autor cristão que afirma explícita e radicalmente a plena espiritualidade dos demônios, no sentido de que sua natureza não se mistura com elementos de ordem material, nem mesmo de luz ou matéria sutil. Isso é consistente com o fato de que eles pertencem totalmente à categoria de seres angélicos. Esta afirmação constitui uma novidade na reflexão demonológica dos pensadores cristãos: uma novidade que não foi facilmente aceita. Mas para Tomé a natureza espiritual dos anjos, da qual os demônios fazem parte, está inserida entre as criaturas,

7.1. **A ação dos demônios nos corpos**

Thomas aceita a ideia de que os demônios estão *lutando contra os homens*por causa de sua inveja e malícia, mas também com a permissão de Deus, que sabe ordenar o mal para obter maiores bens. As tentações, portanto, se enquadram no sábio plano de Deus, especificando também que nem todos os pecados são causados diretamente pelo diabo, pois o homem possui o livre arbítrio com o qual pode dominar suas paixões ou sucumbir a elas, independentemente da tentação demoníaca; mas indiretamente, por causa da primeira tentação infligida aos progenitores, da qual derivam o pecado original e uma certa inclinação ao mal, o diabo é a causa de todos os nossos pecados. Essa causa nunca deve ser entendida em um sentido total e suficiente, como se o homem fosse privado de sua liberdade e responsabilidade, mas apenas parcialmente, em virtude de uma certa

persuasão ou apresentação deleitosa do objeto desejado. O diabo age apenas externamente através dos sentidos da imaginação. mas não pode atingir as profundezas da alma. como ao invés a graça divina e o Espírito Santo fazem. . Aproximadamente *A ação dos demônios sobre os corpos* Tomás, levando em conta a ordem hierárquica do universo, sustenta a tese de que substâncias espirituais com força própria não podem transmutar formalmente corpos, entidades inferiores, mas podem usar outros corpos ativos, como ferramentas adequadas, para influenciar os corpos. Tais ações partem do agente como princípio intrínseco e proporcional; ora, o corpo assumido pelo diabo ou pelo anjo não é um princípio intrínseco e proporcional, mas apenas um instrumento, para o qual as ações que realiza são produzidas de forma manifestativa ou similar, mas não de forma natural. Portanto, falar, comer ou gerar demônios não são ações estritamente naturais, mas apenas semelhantes às naturais. Finalmente, surge a questão de saber se os demônios podem *realizar milagres;*a este respeito, Tomé responde negativamente, porque o milagre no verdadeiro sentido não pode ser feito nem pelo diabo nem por qualquer outra criatura, mas apenas por Deus, na medida em que ultrapassa a ordem de toda a realidade criada. No entanto, fala-se de milagre em sentido amplo, como de algo maravilhoso que supera as faculdades humanas; então os demônios podem fazer essas maravilhas, pois possuem um poder superior às simples habilidades humanas. Esses portentos são de dois tipos: um diz respeito à transmutação dos corpos, que constitui um fato real; o outro diz respeito à ilusão dos sentidos através da imaginação e permanece fora da realidade. As artes mágicas são produzidas pelos demônios justamente sob essa dupla modalidade.

7.2. **Lúcifer na literatura e na *Divina Comédia***

A figura do diabo continua presente na literatura vulgar como pode ser visto na obra *Vidas dos Santos Padres*por Domenico Cavalca. viveu no século XIV. Ele descreve de forma muito viva e plástica as ações dos demônios contra os anacoretas, entre as quais se destaca a personalidade de Antonio. A história termina com a derrota de Satanás, que exclama desconsolado: «Eis que, como diz a Escritura, o meu poder está doente, e perdi o senhorio do mundo; eis que os próprios desertos estão cheios de monges, que juntos se defendem contra mim». Na verdade, Cavalca é o porta-voz de uma crença comum de que o diabo não tem poder sobre o mundo e sobre os homens, pois foi acorrentado por Cristo. Em um conto de Fra Filippo degli Agazzoni, destaca-se em particular o costume de fazer um pacto com o diabo: lemos sobre um homem que, para ter dinheiro, se entrega ao diabo, com a estranha consequência de ser arrastado junto com o diabo, que carrega consigo a alma

da vítima, deixando o corpo cair no chão. São dramatizações populares que não provocam tanto medo, mas sim hilaridade. *A visão de Tendale* , que influenciou Dante e as subsequentes representações artísticas e literárias de Lúcifer, descreve meticulosamente os tormentos sofridos pelos condenados no abismo de enxofre ardente do inferno; oferece duas imagens extraordinárias de demônios como bestas enormes, uma das quais excedeu em tamanho todas as montanhas da terra, tinha olhos tão ardentes como brasas ardentes, uma boca escancarada como um abismo e um rosto brilhante uma chama inextinguível. Tundale vê Lúcifer, maior do que qualquer outro animal em forma de corpo humano, com cauda e muitas mãos, deitado de bruços sobre uma grelha colocada sobre brasas e amarrado com grandes correntes de ferro e bronze ardente. O desenvolvimento mais notável da imagem do diabo veio com o nascimento do *poesia vulgar* do final da Idade Média.

Com o poema de Dante Alighieri (1265-1321) Satanás assume um papel e um significado de grande importância. *No Inferno,* primeiro cântico da *Divina Comédia,* Dante faz intervir os demónios, mas o seu pensamento centra-se de forma particularmente incisiva na figura de Lúcifer, o príncipe dos demónios, também chamado Satã, Belzebu e Dite. Ele caiu do céu, onde foi o primeiro dos anjos, e caiu na terra até ser imerso em seu centro; permanece aprisionado e imóvel. Em suas raras aparições, especialmente no último canto *do Inferno,*Lúcifer é representado de uma maneira grosseira e repulsiva, em vez de aterrorizante. É desprovido de verdadeira atividade e vitalidade, é um ser vazio, estúpido e desprezível, um ser inútil e vão, em contraste com a força e a fecundidade de Deus. Nisso Dante retoma a concepção filosófica tomista do mal como uma negação do ser, retratando o mal como um contraste negativo com o bem. De fato, Satanás está nas trevas, no ponto morto da terra, onde os pecados afundaram no lugar que lhes é natural. À medida que você desce ao inferno, cada círculo é preenchido com pecados cada vez mais graves e pesados, até o último, o círculo dos traidores. Satanás é colocado no centro inerte com as nádegas presas no gelo, onde não há sinal de vida ou movimento. Todo o peso do mundo e dos pecados pesa sobre ele como se fosse esmagado por eles. Desta forma, Satanás torna-se o símbolo do nada, como uma negação da vida, da verdade e do amor; ele está fechado e dobrado no peso de seu próprio corpo grosseiro, como uma total materialização do espírito. O nada de Satanás permeia a realidade infernal. A lagoa congelada que a mantém parada está tão congelada que range: um sinal de morte e frio absoluto, uma expressão do espírito que se fechou para Deus em contraste com a água viva e jorrando do amor divino. O diabo está preso na caverna sem luz de Giudecca, onde a escuridão é o símbolo de sua estupidez e irracionalidade, desejada e procurada com seu próprio pecado, em contraste com a luz que inunda o céu. O não-ser de Satanás também se manifesta em sua dimensão gigantesca como uma enorme massa de matéria inerte e pesada,

em oposição à leveza do espírito e da inteligência. Ele é um verme, um monstro, um gigante indefeso e fraco, chamado "o 'mperador do reino doloroso" em oposição a Deus "o' mperador que sempre reina". A feiúra e a estranheza de sua figura, outrora um anjo de esplendor, está em total contraste com a beleza e harmonia do ser divino. Ele é composto de três faces com três cores (amarelo, preto e vermelho) na falsificação das três pessoas divinas. Lúcifer é visto como a antítese ou antípoda de Deus, embora seja uma de suas criaturas. Como Deus é para Dante o princípio que cria as coisas, o amor que dá vida, a inteligência que governa sabiamente o universo, Satanás, ao contrário, é a expressão da nulidade, da inutilidade, da mentira; é a negação do amor e da vida, é desprovida de fecundidade e inteligência. Para Dante Lúcifer é simplesmente uma "coisa bestial", repugnante e sem sentido; e isso constitui a intuição racionalmente calculada e teologicamente eficaz da *Divina Comédia.*

Agradeço a Don Renzo por seu segundo discurso esclarecedor. Muitos outros materiais de estudo, com um aparato crítico e uma bibliografia muito ampla, podem ser encontrados no texto de LAVATORI R., *Satana, un case serio* , e Dehoniane, Bologna 1995. Lá você encontrará não apenas outros autores medievais, mas também um estudo sério e aprofundado sobre demonologia cristã. Há dois meses também foi publicado um livro menor, sem aparato crítico, portanto de cunho mais popular: LAVATORI R., *Il demonio tra razão e fé* , pela mesma editora. Os textos estão disponíveis em todas as livrarias católicas.

http://www.medio-evo.org/demoni.htm